Estudos sobre Jorge Andrade

Elisabeth Azevedo

Jorge Andrade é, acredita-se, o autor que apresenta uma das obras dramáticas mais orgânicas do teatro brasileiro. Elaborada ao longo de mais de trinta anos, foi permanentemente autoquestionada e permaneceu comprometida com a (re)construção da nacionalidade, sem que ele nunca abrisse mão da seriedade e da autenticidade artísticas. Como disse Sábato Magaldi,"poucos autores, entre nós, empenharam-se como Jorge Andrade na construção de um verdadeiro monumento dramático." (1977, p. 302) O mesmo crítico sustenta que "nenhuma outra obra, em nossa dramaturgia, construiu tão laboriosamente a sua unidade." (1998, p. 52-3) O que interessa aqui é pensar essa condição de obra unitária a partir da perspectiva de que Jorge Andrade foi também repórter, escritor de telenovelas e autor de um romance autobiográfico. Para ilustrar a forma coerente e reiterativa com que Jorge procurava retratar a realidade, veja-se o conjunto de crônicas escritas para a *Folha de São Paulo,* que completam e reforçam ainda mais aquele conceito de organicidade. Nessas crônicas, encontram-se muitas vezes os temas tratados nas peças. Acham-se 'trechos' que parecem ter sido suprimidos (ou estendidos) das peças publicadas. No eterno entrelaçamento das várias facetas da obra andradina, citem-se dois exemplos interessantes. O primeiro é uma crônica publicada na *Folha de São Paulo* em 26 de janeiro de 1979. Com o título "A maior criação", é claramente uma cena que poderia pertencer a *Milagre na cela,* se colocada no I ato, entre as cenas 23 e 24[1]. Na crônica, lê-se:

> "Ela é uma verdadeira educadora e sabe que milhares de homens, através dos tempos, ensinaram com a própria morte. Sente que é por causa disto que seus torturadores não a dobram: ela sabe que a morte pode ser a mais bela das lições!
>
> Foi no meio deste pensamento que ela sentiu a dor aguda: o homem que a leva prisioneira dera-lhe um murro nas costas. Ela cambaleia e sente novamente a presença do mundo odiento onde está. Com o murro vem a voz cheia de espinhos envenenados:
>
> – Vamos mais depressa. Que está pensando? Que passeia na praça?
>
> – Praça?
>
> – Praça pública.
>
> – Nunca andei numa. Nem existe nessa cidade.
>
> – Nunca andou porque vivia tramando.

---

* Elisabeth Azevedo é pesquisadora e doutora pelo CAC-ECA-USP.

1 Na verdade, não há divisão em cenas nessa peça. A indicação aqui apresentada resulta de uma marcação feita apenas para efeito de análise da obra.

– Tramando o quê?
– A subversão.
– Nunca fiz subversão.
– E aquilo que ensinou pros alunos?
– Ensinei a verdade. Só a verdade.
– Verdade mentirosa. E vamos andando. Agora você vai ver se confessa ou não confessa. Vai ter um tratamento especial.
– Que tratamento?
– Você verá.
Tratamento especial! Nenhum temor passa em sua mente. O que de mais horrível poderá acontecer, além de assistir à degradação do homem? Não só dos torturados, mas também dos torturadores, pois torturar não é se degradar? O seu sofrimento é duplo: pelos martirizados e pelos que martirizam. Seu rosto não se contorce apenas pela dor física, mas também por ver o homem se transformando em besta. Torturados e torturadores! Onde não existem neste mundo que parece abandonado por Deus? A tortura não acompanha o homem na sua caminhada para o amanhã? […] não faz parte da aventura humana? Torturados e torturadores não são expressões do bem e do mal que alimentam esta aventura? Qual religião, ideologia ou cultura libertará o homem de seus demônios? Por que está presa de uma dos piores – a intolerância! – se só tem amor pelo próximo e paixão de ensinar dentro de si mesma? Em nome de seus alunos – brasileiros do amanhã –, agüentará tudo para não admitir a mentira que escraviza. Subitamente, o homem pára e se volta para ela com um sorriso que fere como navalha.
– É aqui.
Ela olha a porta estreita com uma janelinha. Ao lado da porta, uma alavanca. Sem saber por quê, sente um pressentimento de agonia. O sorriso se acentua no rosto do homem e seus olhos brilham de maldade. Instintivamente, ela aponta a alavanca.
– Que é isto?
– Alavanca de descarga.
– Descarga?
– Da privada
O sorriso torna-se fixo, assassino, enquanto ele introduz a chave na fechadura. Sons ferrugentos lembram arrastar de correntes, de ferro contra ferro. Ele pára de girar a chave e se volta para ela, antegozando o prazer do torturador:
– Só quem está fora pode dar descarga na privada.
Rápido, ele a empurra para dentro e tranca a porta.[2] Cubículo de dois metros por dois metros e uma privada entupida. O odor enfia as garras em sua garganta, expulsando o ar de seus pulmões. Ela enfia as unhas nas paredes, voltando-se sufocada para a porta. A janelinha se abre, desenhando-se na escuridão com um olho maldito e deixando passar a risada que é tão horrível quanto o mau cheiro. Ela reúne um resto de energia para gritar:
– Por favor, abra a porta! […]
E a grande educadora paulista cai de joelhos, implorando a Deus pelo homem. Por todos os homens que agonizam em prisões fascistas, comunistas e democratas relativas."

Conforme se pode ver, Jorge adaptou o material com o qual estava trabalhando para fazer pequenas experiências, talvez como balões de ensaios ou como uma espécie de 'propaganda' velada, já que, à época da ditadura militar, sua peça estava proibida pela Censura.

O exemplo seguinte, uma crônica tirada da edição da *Folha de São Paulo* de 16 de março de 1979 e intitulada "A mesa", pode ser visto como texto que dava continuidade a *Senhora na Boca do Lixo*. A crônica se refere a uma descendente falida de antigos fazendeiros que conseguiu emprego público na Secretaria da Justiça de São Paulo, graças a um amigo da família. No meio da sala do pequeno apartamento onde mora, há uma enorme mesa de jantar, herança

2 A partir desse trecho, a crônica se sobrepõe à peça.

familiar, atravancando tudo. Entretanto, ela não consegue livrar-se do móvel – ninguém o quer. A cada vez que olha para ele, relembra a infância: *Que tempo gentil! Por que foi desaparecer?* Lê-se:

> "Querendo se defender, a mesa parece crescer ainda mais, tentando esmagar Noêmia contra a parede. Noêmia recua, fascinada, e percebe que não é esmagar que a mesa pretende, mas acariciá-la e envolvê-la com seus pés, braços maternais […].
> – Livre-se de mim. Eu sou o passado que atormenta, as esperanças que não se realizam […]. Noêmia pega a machadinha e fecha a porta […]. Lentamente, aproxima-se da mesa como numa despedida. […] durante um mês, diariamente, Noêmia foi picando a mesa […]. O último pedacinho foi com ela para dentro do mausoléu da família no Cemitério da Consolação, fechado na mão que ninguém conseguiu abrir para colocar o terço."

Essa mulher que perdeu tudo – a quem só restou a enorme, incômoda, inútil, linda e amada mesa de jantar – é a mesma Noêmia de *Senhora da Boca do Lixo,* tentando lidar com o passado e subjugada ainda por ele. A diferenciá-la da personagem da peça, está o fato de que, em parte, ela finalmente compreende e reage. E reage com violência cada vez maior, proporcional à sua decepção com a vida. Destrói a mesa – e por extensão o passado – a golpes de machado, guardando apenas a memória indelével do que fora. Aliás, esse móvel que parece agigantar-se com o correr da crônica tem algo de semelhante à multiplicação de objetos em algumas peças de Ionesco. Em *Amédée, ou comment s'en débarrasser,* por exemplo, o dramaturgo romeno faz cogumelos brotarem pelo apartamento fechado e um cadáver crescer ininterruptamente até transformar-se no balão que, de certa forma, liberta o protagonista. A reação a que se vê forçada a personagem da peça brasileira também a liberta.

A obra teatral e a atividade jornalística de Jorge Andrade se interpenetram, seja pelo reaproveitamento de temas das peças, seja pela dramatização de reportagens, como no caso de *O mundo composto,* peça de um ato que foi escrita com base numa matéria para a revista *Realidade* (Andrade, 1972).

Mais exemplar ainda é a forma com que Jorge usa o tema da Conjuração dos Alfaiates, ocorrida na Bahia em 1798. De início, tratou-o numa reportagem também de *Realidade,* em novembro de 1971, e depois o retrabalhou em seu livro *Labirinto*. Os trechos desse romance autobiográfico em que apresenta a cena da execução dos conspiradores são verdadeiras cenas teatrais, cheias de tensão e suspense.

No mesmo romance, uma personagem já conhecida de seu teatro, o bandeirante Fernão Dias, surge novamente da imaginação e da memória do autor, em meio aos livros da biblioteca do historiador Sergio Buarque de Holanda.

Esse tipo de procedimento possibilita ao pesquisador buscar, em diferentes trabalhos do autor, relações reveladoras. O uso da memória pessoal ou de uma 'memória coletiva' é fonte para diferentes abordagens, cujo caráter pode ser ou fundamentalmente estético, ou particularmente sociopolítico.

Referências bibliográficas

FARIA, J.R. *O teatro na estante*. São Paulo: Ateliê, 1998.

FERNANDES, T.F.T.D. *Jorge Andrade, repórter asmodeu*: leitura do discurso jornalístico do autor na revista 'Realidade'. (Tese de Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

FRANCIS, Paulo. *Diário Carioca.* Rio de Janeiro, 17 abr. 1960.

GEORGOPOULOS, C.L. *Lua quebrada:* 'A moratória' no ciclo paulista de Jorge Andrade. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Fluminense, Niterói, 1983.

GIMENEZ, A. Quem é o vencedor do prêmio Fábio Prado. *Folha da Noite*. São Paulo, 16 jul. 1954.

GUIDARINI, M. *A diferença nos textos dramáticos de Jorge Andrade*. (Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1979.

GUINSBURG, J. Um teatro em rastro atrás: Jorge Andrade. *Revista USP,* São Paulo, v. 29, p. 113-5, mar./maio 1996.

MAGALDI, S. *Panorama do teatro brasileiro*. São Paulo: Global, 1977.

_____. *Moderna dramaturgia brasileira*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

NAZÁRIO, A.J.C. *Tempo e memória no teatro de Jorge Andrade*: uma leitura de 'Rasto atrás'. (Dissertação de Mestrado), Unicamp, Campinas, 1997.

PAVIS, P. *Dicionário de teatro.* São Paulo: Perspectiva, 1999.

ROSENFELD, A. Visão do Ciclo. In: ANDRADE, J. *Marta, a árvore e o relógio*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

SANT'ANNA, C. *Metalinguagem e teatro*: a obra de Jorge Andrade. Cuiabá: Editora da UFMT, 1997.

SOUZA NETO, J. *Jorge Andrade, um autor em busca de si mesmo*. (Dissertação de Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

UBERSFELD, A. *Lire le théâtre*. Paris: Belin, 1996. 3 v.